



Quem já olhou para uma onça e foi olhado de volta?

Have you Ever Looked at a Jaguar and Felt it Gazing Right Back at you?

Süssekind, F. *O rastro da onça: relações entre humanos e animais no Pantanal*. Rio de Janeiro: 7Letras, 1.ed., 2014.

Fernanda Pereira de Mesquita NORA^{1*}

¹ Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável (PPG/CDS), Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil.

* E-mail de contato: fernandamesquita84@gmail.com

Resenha recebida em 20 de junho de 2016, versão final aceita em 3 de novembro de 2017.

Felipe Süssekind nasceu em 1973 na cidade do Rio de Janeiro. É Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ (2010), Mestre em História Social da Cultura pela PUC-RJ (2000) e graduado em Belas Artes pela UFRJ (1997). Atualmente, Süssekind é professor assistente da PUC-Rio no Departamento de Ciências Sociais. Seus artigos estão inseridos, sobretudo, nas linhas da teoria antropológica, da antropologia da natureza e da antropologia da ciência. Seu segundo livro, “O rastro da onça: relação entre humanos e animais no Pantanal”, é fruto de sua pesquisa de doutorado a respeito da etnografia da conservação da onça-pintada no Pantanal do Mato Grosso do Sul.

Nesse livro, Süssekind sai do lugar-comum ao abordar a onça pantaneira como tema de uma pesquisa do campo da antropologia social. E, para tanto, ao invés de escolher ou natureza ou cultura, o autor buscou uma metodologia que pudesse abarcar as duas ao mesmo tempo. Ou seja, nem a onça fruto de uma análise científica com enfoque biológico e nem a onça percebida pelo mundo humano através de representações ou simbolismos. Süssekind propôs que seu objeto de estudo fosse as relações entre humanos e animais numa reciprocidade de olhar, em um mundo onde a onça habita um lugar próprio e onde também é sujeito de ação. Ao fazer isso, o autor buscou colocar em questão a centrali-

dade humana e o mundo humano.

Algumas de suas perguntas norteadoras foram: “qual o mundo possível constituído a partir do ponto de vista da onça?”; “quais são as relações que se produzem quando o fato de que a onça é capaz de olhar para o ser humano é colocado em questão?”, “como se constituem as relações quando a onça deixa de ser um item numa coleção de História Natural e passa a habitar um mundo?”, “qual a relação entre aquilo que a ciência afirma a respeito do seu objeto, constituído como algo quantificável, e aquilo que a ciência coloca em prática quando se engaja em um processo de conhecimento?” (Süssekind, 2014, p. 15). Dentro desse contexto, fica muito claro o porquê da escolha pelo Pantanal do Mato Grosso do Sul - um lugar de onças, humanos, gado, cavalos e tantos outros grupos animais. Um lugar, segundo o autor, marcado por rastros, vestígios e cheiros, os quais conectam as pessoas ao ambiente de modo particular. Onde “encontrar e seguir rastros [...] indicam possibilidades de uma relação animal com animal, que difere essencialmente de uma relação humana com o animal como aquela que em geral se estabelece entre os animais domésticos e seus donos no meio urbano” (Süssekind, 2014, p. 16).

Mas como fazer isso? Que abordagem seria necessária para partir de um lugar onde não há dominância de um campo sobre o outro (por exemplo, cultura sobre a natureza, científico sobre o tradicional)? Para isso, Süssekind toma como referência a Teoria do Ator-Rede, uma abordagem que permite que cada ator seja analisado segundo as relações que estabelece com os outros elementos articulados em rede. A rede, neste caso, são as relações onde a onça pantaneira está inserida, considerando os projetos de conservação dentro de fazendas do Pantanal do Mato Grosso do Sul. Isso envolveu, segundo o

autor, um “emaranhado de pessoas, animais, coisas e instituições ligados tanto à pecuária quanto à conservação da vida selvagem” (Süssekind, 2014, p. 17). Além de acompanhar as rotinas de trabalho dos pantaneiros e dos pesquisadores, Süssekind fez uso de questionários semi-abertos baseados na literatura sobre conservação e etnobiologia. Foram 65 entrevistas em 11 fazendas localizadas na região da Bacia do Rio Miranda, no Pantanal do Mato Grosso do Sul, durante seis meses entre 2006 a 2008.

A construção da estrutura do livro se deu através do recorte de elementos de um cenário específico. Durante seu campo em uma das fazendas, ocorreu a predação de um bezerro por uma onça-pintada que estava sendo monitorada por um projeto de conservação. Diante da notificação do caso ao biólogo do projeto, foi montada uma câmera *trap* (armadilha fotográfica) direcionada à carcaça do bezerro, uma vez que a onça possivelmente voltaria para se alimentar do que restou. O mateiro, que também fazia parte da equipe de campo do projeto de conservação, sugeriu amarrar com um cordão as patas do bezerro a um galho, com objetivo de aumentar as chances da câmera capturar mais detalhes do predador. O experimento deu certo: a onça, que usava um colar de identificação foi fotografada no momento em que retornou para se alimentar. O recorte dos elementos da cena - o bezerro, a coleira, o cordão e a onça - forneceu, portanto, o arcabouço principal do livro. Segundo Süssekind, o percurso de cada elemento na etnografia estava associado a diferentes práticas e a onça representava o elemento de ligação entre eles.

Os capítulos que seguem são, portanto, descrições relacionadas a cada um desses elementos: o bezerro é o elemento associado às descrições das práticas de manejo do gado pelos vaqueiros e às

relações que se estabelecem a partir dessas práticas; o colar refere-se ao rastreamento – o que envolve pesquisadores, o próprio dispositivo de rastreamento, técnicas de campo, sistemas VHS e GPS, etc; o cordão é o elemento que configura a armadilha e todos os atores que estão por trás dela – cães de caça, caçadores tradicionais e outros métodos de captura das onças; o último elemento – a própria onça – é o tema central do livro, o qual agrega os demais. Como resultado, o livro apresenta sete capítulos, seis dos quais se relacionam a estes elementos. O capítulo 6 é um esboço para um artigo científico e traz uma série de informações que se inserem na linha da etnobiologia. Os resultados desse capítulo, de modo geral, mostram o modo como os moradores locais classificam e percebem o ambiente e a fauna regional. Os demais capítulos referem-se à descrição das práticas relacionadas a cada elemento - capítulo 2: *O gado pantaneiro*, capítulo 3: *Onças de coleira*, capítulo 4: *Caça e conservação*, capítulo 5: *Caçadores naturalistas*, capítulo 7: *Rastreamento, espreira e captura*.

É inevitável comparar a metodologia dos recortes dos elementos ao trabalho de um investigador, desses que acompanhamos em filmes de suspense. As colagens das fotografias e anotações do trabalho de campo do autor, inseridas em um único quadro (como um mapa), mostra ao leitor como o caso do bezerro predado constitui o evento de maior número de conexões com o restante do mapa. Esse mapa, não por acaso, é a capa do livro. Para os leitores não familiarizados com os métodos específicos das ciências sociais, como a Teoria do Ator-Rede, o mapa de Sússekind deve fornecer um conforto. Ao final de cada capítulo, o autor traz uma série de fotos que atuam como um resumo ou *flashes* dos pontos mais importantes da narrativa. A descrição presente

em cada capítulo também revela mais claramente os objetivos da obra, como a sobreposição entre o científico e o tradicional (como nas técnicas de captura das onças pelos projetos científicos), entre o doméstico e o selvagem, a mistura entre humanos e animais, o tema da reciprocidade de olhares, a tradução do ambiente em seus significados e o mundo próprio de cada animal.

A leitura segue ora densa e complexa - em função da descrição da metodologia e dos referenciais teóricos – ora mais estimulante pelo conteúdo próprio das narrativas referentes à percepção da onça pelo pantaneiro e à relação com os sinais dos outros animais. Ao seguir a abordagem etnográfica, o livro de Sússekind possivelmente será apreciado tanto por cientistas sociais quanto por biólogos e profissionais de áreas afins. O capítulo 6, por exemplo, é claramente uma pesquisa etnoecológica dos dois grandes felídeos brasileiros (onça-pintada e onça-parda), o que, por si só, já fornece dados extremamente originais. O tema do conflito entre pantaneiros e onças é leitura e imersão obrigatória para todo cientista da conservação que pretenda contribuir com medidas efetivas para a conservação da onça-pintada. O amplo e multidisciplinar referencial teórico torna o livro de Sússekind uma boa fonte para pesquisadores interessados em desenvolver trabalhos que escapem da dicotomia natureza ou cultura. O livro se direciona também para o público em geral interessado na compreensão do mundo real e próprio do pantaneiro, da onça, do gado, dos cães de fazenda e das relações que estabelecem entre si.

Felipe Sússekind procurou colocar em questão o olhar da onça no ambiente da onça. A onça como sujeito que olha e pode ser olhada de volta, ou que espreira sem que possamos vê-la. A onça que compete com o pantaneiro pelo mesmo

alimento, pelo mesmo território; habitante de seu próprio universo e não como um “repositório de projeções de grupos humanos” (Süssekind, 2014, p. 90). Pensar nessa onça, independente e misteriosa, é um grande desafio ao pensamento do mundo dividido entre humano e não-humano.